



Maria Luísa Soares\*  
luisa7soares@gmail.com

## Fomos nós

Não me perguntem por que terá sido a ilha de S. Jorge a escolhida para este encontro.

Há coisas que não se explicam: acontecem.

Pois bem, naquele dia, manhãzinha cedo, tinha ocorrido um sismo e toda a Ilha respirava ainda o frémito de susto tão conhecido de todos em semelhantes ocasiões, mas nada, mesmo nada, fazia prever o que iria acontecer pela calada da noite. Também ninguém sabia da existência da tia Brígida e do homem da Lua com um feixe de couves às costas. Melhor: sabia eu e o meu tio António que já me tinha chamado a atenção para a existência dele em certas noites de Lua cheia. Quanto à tia Brígida, era a vizinha que morava em frente e que de vez em quando aparecia a fingir que limpava os vidros das janelas, mas que apenas pretendia descobrir lá fora meninos ou meninas que se tivessem portado mal para os ir buscar e meter no seu saco de serapilheira.

Disto tudo estava eu bem avisada.

O que eu estava longe de imaginar era que um dia a tia Brígida da minha infância se iria encontrar com o tal homem da Lua.

Naquela noite, o bafo de uma dormência inexplicável fez parar todas as coisas e todos os seres, suspensos daquele conluio inesperado.

- Porque esperaste tanto tempo para apareceres?, era a tia Brígida sem se conter por mais tempo.

- Sim, porque esperaste tanto?, isso de te fazeres caro não tem graça nenhuma, e um bando de cagarros, os benditos cagarros de S. Jorge, desabalhe em cima junto com a formidável sinfonia de animais que não lograram manter-se calados por mais tempo: as galinhas, os cães, os gatos, as ovelhas e os cabritos, até os burros (mas estes por desfeita)... Apenas as pacíficas vacas se contentaram em o trespassar em olhar condenatório.

Quanto à Lua, assistia impávida e prudente, sem se manifestar mas com outros seres a cirandarem no lá dentro de si. Ela bem sabia que, o mais tardar dentro de vinte ou trinta anos, iria receber colónias de humanos insatisfeitos e barulhentos como estes de agora, e havia, portanto, que aprender a lidar com eles.

Mas iria aparecer mais alguém, além do homem das couves?, era o que se perguntavam todos, incluindo as pedras e a erva dos pastos onde se acoitava

com coelhos estremunhados.

Atenção que ele vai falar. Até pousou o feixe de couves. Isto é, se os galos o deixarem. Tão agressivos que eles se tornaram de repente. Quem diria. E os burros também: tanto coice e tanto zurrar. Tudo para impedir que se ouça o homem das couves mais as queixas da tia Brígida. Nunca antes se tinha visto semelhante coisa: galos a bicarem tudo à volta e... a falarem!

- Arredem-se, arredem-se! Imbecis! Ainda não perceberam que nós somos o poder, que nós já controlamos uma parte do universo? Ou já se esqueceram das estátuas que temos vindo a destruir, dos Bolsonaro e dos Trump que ajudámos a eleger?! Sim fomos nós.

Fomos nós!, Fomos nós!, zurravam os burros, chiavam os melros pretos por cima, com as ovelhas e os carneiros a aplaudirem e a abrirem caminho.

- E não pensem que é por acaso a escolha desta Ilha perdida no cosmos. Há que saber aproveitar o momento certo, e aqui em S. Jorge em tempo de eleições, que melhor altura. Tão enfiados que vocês andam por causa da pandemia, tão atrofiados e incapazes de tomarem em mãos o comando. É melhor não resistirem e deixarem-se levar. Temos urgência em substituir a ideologia de uma Constituição parva e requentada! É urgente!

- É urgente! É urgente!

Que fazer numa situação em que até os humanos pareciam ter perdido a fala. As vacas ainda se lembraram dos tempos em que as suas irmãs terceirenses punham em fuga os indesejáveis invasores da Ilha. Mas aqueles tinham outros poderes e pareciam vir decididos a tudo.

Foi então quando se ouviu atroar os ares um vozeirão que só podia vir do homem do feixe de couves: Mas urgente o quê??? Urgente instituir de novo a pena de morte?! Urgente a mutilação genital das mulheres?! As mentiras com que querem confundir os menos instruídos, presas fáceis das vossas promessas????

Tinha-se formado uma roda gigante de seres irmanados no mesmo interesse que alastrava imparável e suscitava o pismo das rochas e dos mares.

- Não me andei a fazer caro, não, meus amigos.

Mas agora é que se apresentou a grande oportunidade de intervir. Quereis mesmo saber o que é que é urgente? É urgente sentirmo-nos de novo comprometidos com a esperança! Urgente é sentirmo-nos fortalecidos com os exemplos que temos vindo a acompanhar da reeleição de um J. Biden, de uma Europa unida apesar das tentativas malogradas de alguns. E de uma vacina que vem a caminho.

(Tentativas de alguns galos e burros recomeçarem os seus distúrbios mas, apanhados pelo foco de luz intensa com que a Lua os cobriu, remetidos a um silêncio forçado).

- Nos últimos tempos a humanidade tem vindo a afundar-se num processo de desencantamento lento e cada vez mais progressivo que é aproveitado por alguns para a implementação de populismos de toda a ordem. Amigos, não nos admiremos que essa tentativa tenha estendido os seus tentáculos até este perdido arquipélago no meio do Atlântico, sendo que este encontro mais não é que a sacudidela com que o universo pretende alertar-vos para o que vos espera se cederdes à ambição desmedida desses populistas de última hora.

Mas o inédito de tudo isto foi ver como a tia Brígida abraçou o homem das couves insistindo com ele para que ficasse, pois que a sua presença era mais que necessária ali na Ilha. É uma dor de alma ver alguns dos meus meninos de antigamente, agora feitos homens, alinhados no populismo destas eleições! E até não é por não saberem no que se estão a meter, não senhor, só que não conseguem resistir à ambição do poleiro político. Deixe lá a Lua e fique connosco!

- Se fosse só por cá, minha amiga... Lá na Lua também temos disso. É assim que as civilizações se vão autodestruindo, vingando umas desaparecendo outras. Mas vocês até que têm à cabeça do país um presidente e um primeiro ministro que não vão fazendo mal o seu trabalho. Importante é agora não deixar que morram aqui na Ilha as boas sementes lançadas. O populismo tem pés de barro, é hipócrita e desumano.

E não houve maneira de o convencer a ficar.

Deixou, isso sim, a tia Brígida o avantajado feixe de couves que trazia com a promessa de arranjar maneira lhe trazer mais, caso ela viesse a precisar.

## Ermida de Nossa Senhora do Cabo abre ao público para visitas

A Câmara Municipal de Lagoa vai abrir a Ermida de Nossa Senhora do Cabo, situada na rua Estrela D'Alva, em Santa Cruz, para visitas públicas, a partir do dia 27 de Novembro.

A ermida, classificada como Imóvel de Interesse Público, foi edificada pelo padre João Alves da Cruz, junto às casas onde residia, em 1675. Num testamento aprovado em maio de 1712, a Ermida de Nossa Senhora do Cabo ou de Nossa Senhora da Estrela, juntamente com as casas contíguas e 126 alqueires de terra e vinha, situados na Lagoa, o Pico da Giesta e outros, foram vinculados por este sacerdote.

A sua invocação a Nossa Senhora do Cabo deve-se à grande devoção que

o fundador tinha à imagem da Virgem que se venera no Cabo Espichel, em Portugal Continental. É também invocada como Nossa Senhora da Estrela, em virtude da escolha do padroeiro para se fazer a sua festa no dia 2 de Fevereiro. Essa foi a razão pela qual foi escolhida como protetora da Banda Filarmónica Estrela d'Alva, que lhe consagrou um hino. O frontispício, decorado por relevos inscritos na cantaria, (rombos ou pontas de diamante, pirâmides, palmítes e flores) é revestido com um painel de azulejos policromados do século XVII com motivos vegetalistas. Apresenta uma única nave revestida por um lambrim de azulejos com motivos geométricos e um altar revestido a talha



dourada. Do lado sul tem agregado o corpo da sacristia, estruturado em dois pisos. No piso elevado foi rasgado uma tribuna que permitia assistir às liturgias

de modo mais recatado. Todos os interessados poderão, assim, visitar aquele emblemático edifício todas as Sextas-feiras, das 9h00 às 12h00.